



**JOGO PEGADO, É ASSIM QUE TEM QUE SER: ESTUDO SOBRE A SERIEDADE DO LAZER
NUMA REDE DE SOCIABILIDADE MASCULINA**

Mauro Myskiw
Ariane Corrêa Pacheco
Maitê Venuto de Freitas

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa sobre o significado de um modo de jogar denominado de “pegado”, no Campeonato de Verão da Liga de Futebol da Praça Ararigóia, cidade de Porto Alegre. Neste espaço-tempo reconhecidos como “de lazer” ocupado por uma rede de sociabilidade masculina, no período de 10 de janeiro à 19 de março de 2011, foram realizadas observações (algumas participantes) e descrições etnográficas das práticas relacionadas ao futebol. As análises e interpretações possibilitaram entender que o “jogo pegado” compreende um modo de afirmação das pessoas neste espaço social. Participar, com seriedade, de um “jogo pegado” é “bom” porque tem a capacidade de reafirmar o pertencimento e o reconhecimento nesta rede de sociabilidade.

Palavras-chave: Lazer, Futebol, Sociabilidade, Seriedade.

**“JOGO PEGADO”, THAT’S THE WAY IT HAS TO BE: A STUDY ABOUT THE SERIOUS OF
LEISURE IN A MAN SOCIABILITY NETWORK**

ABSTRACT

This work presents a research about the meaning of a gameplay called “pegado”, in a Summer Championship Football League of Ararigóia Square, in Porto Alegre city (RS-Brazil). In this time-place recognized as leisure, occupied by a man social network, during January 10th until march 19th in 2011, was performed ethnographic observations (with some attendees) and descriptions of practices related to football. The analysis and interpretations enabled to understand that “rough game” comprise a way of affirmation of people in this social area. Participating, seriously, of a “jogo pegado” is “good” because it has the ability to reaffirm the belonging and the acceptance in this sociability network.

Keywords: Leisure, Football, Sociability, Seriously

**JUEGO PEGADO, ES ASÍ QUE TIENE QUE SER: ESTUDIO SOBRE LA SERIEDAD DEL OCIO EN
UNA RED DE SOCIABILIDAD MASCULINA**

RESUMEN



Este trabajo presenta una investigación sobre el significado de un modo de jugar denominado de “pegado”, en el Campeonato de Verano de la Liga de Fútbol de la Plaza Ararigbóia, ciudad de Porto Alegre. En este espacio-tiempo reconocidos como “de ocio” ocupado por una red de sociabilidad masculina, en el periodo de 10 de enero a 19 de marzo de 2011, fueron realizadas observaciones (algunas participantes) y descripciones etnográficas de las prácticas relacionadas al fútbol. Los análisis e interpretaciones posibilitaron entender que el “juego pegado” comprende un modo de afirmación de las personas en este espacio social. Participar, con seriedad, de un “juego pegado” es “bueno” porque tiene la capacidad de reafirmar el pertencimiento y el reconocimiento en esta red de sociabilidad.

Palabras-claves: Ocio, Fútbol, Sociabilidad, Seriedad.

1 INTRODUÇÃO

A prática de “futebol de várzea”¹ na cidade de Porto Alegre não passa despercebida no cenário urbano, movimentando muitas praças e campos nos finais de semana, feriados e primeiras horas da noite, nos campos iluminados. Um grande circuito dessa prática é organizado, principalmente, pelas Ligas de Futebol Amador e pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer. Estas instituições promovem competições em diversas categorias, criando oportunidades de prática durante todo o ano. Uma destas competições é o “tradicional” Campeonato de Verão da Liga do Ararigbóia, na categoria veteranos, reconhecido no contexto da várzea como um espaço de “bom futebol”, que arregimenta “bons jogadores e times” de várias regiões da cidade ou mesmo da região metropolitana.

Nesta “praça esportiva”, os jogos são realizados num espaço conhecido como “o Maracanã da Várzea” – um campo de futebol em que predomina a terra, com gramado num dos lados e nos cantos, cercado por altos alambrados, com iluminação, arquibancadas atrás de uma das “linhas de fundo” e que conta com vestiários para os times, árbitros, além de uma sala de reuniões. Neste campo, as partidas são realizadas durante a semana, à noite, como nos finais de semana e feriados, mas no caso do Campeonato de Verão os jogos são realizados, predominantemente, durante a semana, especificamente entre terça e quinta-feira, possibilitando aos jogadores a prática do futebol e, nos finais de semana, os “veraneios” no litoral. Trata-se de um espaço-tempo amplamente reconhecido como de vivências de lazer das pessoas envolvidas (jogadores, treinadores, dirigentes ou espectadores-torcedores).

Neste ano de 2011, no período de 10 de janeiro à 19 de março, foram realizadas observações (algunas delas participantes) e descrições das práticas relacionadas à vivência do futebol neste espaço-tempo de lazer². Resultou desta experiência e prática etnográficas (ver MAGNANI, 2009) a elaboração de 18 diários de campo, a maioria deles relacionados às observações e participações (como “mesário”) dos jogos do Campeonato, mas alguns sobre outros momentos, como: reunião dos dirigentes das equipes; organização na comunidade e o deslocamento de uma equipe até o “Maracanã”; e um jogo amistoso de equipe que “folgava” na semana.

¹ No decorrer deste trabalho colocaremos entre aspas as palavras ou frases *nativas*. Aquelas que tem mais relação com o tema desenvolvido neste trabalho serão explicadas, mas muitas outras serão somente citadas em vista dos limites de caracteres.

² Esta inserção/imersão “em campo” faz parte de um estudo etnográfico mais amplo, que tem por objetivo compreender o futebol varzeano jogado nos campos da cidade de Porto Alegre, envolvendo grupos e pessoas em circulação.



As observações e descrições das práticas vinculadas ao futebol nos atentaram (nos fizeram pensar, ou melhor, *estranhar*) para o fato de que, neste contexto, se tratam de práticas levadas a sério³. Dizer que só é divertido se for levado à sério não é uma incoerência ou uma contradição, pelo contrário, corresponde às expectativas das pessoas envolvidas no Campeonato de Verão. Dentre outros, um dos aspectos que mais chama a atenção nessa lógica de seriedade das práticas futebolísticas, está a forma de jogar denominada de “jogar pegando” ou “jogo pegado”. Não são raros os momentos em que os jogadores são incitados a “jogar pegando”, como também não é difícil perceber que “um jogo pegado” é aquele que vale a pena ser jogado, dirigido ou assistido. Dois excertos de campo ajudam a caracterizar melhor esse sentido:

“Ô porra, cadê a pegada”, “Vamo essa pegada aí”, “Vamo mostrar essa pegada pra eles”, “Pegada do Morro”; “Pega ele, porra”. Estes foram alguns dos gritos que ouvi do Marcos⁴ (“treinador” do Time A), direcionados para “seus” jogadores durante situações de defesa. [...] No final da partida, com a virada do Time C e, depois, o empate do Time A, o jogo ficou mais “disputado”. Ao acabar a partida, aliás, ouvi um dos jogadores do Time A assim se manifestar sobre o jogo, para um colega de equipe: “Báh, fumaceira mesmo” [tom/expressão de satisfação]. (DC, 25/01/2011)

A equipe do Time B fez o seu último jogo da fase classificatória, jogando contra o Time C, vencendo “de virada” por 3 a 2, com gols feitos no segundo tempo. Esta segunda parte da partida, aliás, foi marcada pela “tensão”, pela “pressão” e pela “doação” dos jogadores das duas equipes a fim de conseguir vencer. -Depois do jogo, ao sair de campo, próximo de um dos jogadores do Time B, time vitorioso, ouvi ele comentar com um de seus “treinadores” que o jogo foi “pegado, é assim que tem que ser”. (DC, 15/02/2011)

Compreendendo que esta noção *nativa* de “jogo pegado, fumaceira” é muito relevante (talvez central) para a compreensão da “seriedade divertida” com que se vivencia a prática do futebol, nos dedicamos, neste trabalho a compreender **o que significa, nesse contexto “varzeano” de uma Liga de Praça da cidade de Porto Alegre, um “jogo pegado”? Por que “é assim que tem que ser” uma partida?** O exercício analítico-interpretativo a partir do qual procuramos compreender o sentido deste modo de jogar e de sua expectativa representa um olhar antropológico que considera o sistema simbólico ao qual pertencem as práticas-significados, isto é, o contexto da várzea, especificamente da Praça Ararigbóia. Nesse sentido, a noção de *descrição densa* de Geertz (2008) é uma referência metodológica. Na medida do possível, procuramos estabelecer algumas relações com outros trabalhos da área do lazer e do futebol, como maneira de mostrar as contribuições do texto.

2 O LAZER SÉRIO DE UMA REDE DE SOCIABILIDADE MASCULINA

O Campeonato de Verão de veteranos do Ararigbóia é uma das competições que atrai o interesse de times que procuram “se preparar” para o Campeonato Municipal. Nesta edição de 2011, com exceção

³ Esta dimensão da *seriedade divertida* do futebol já foi descrita em outros trabalhos, tais como o de Guedes (1998), sobre o futebol em bairro de operários do Rio de Janeiro, uma rede de sociabilidade masculina. Também podemos citar os trabalhos de Magnani (2003) que tratou rapidamente do futebol de várzea como um “pedaço” e o de Stigger (1997) sobre a prática do futebol nesta mesma Praça Esportiva (o Ararigbóia) por um grupo de veteranos.

⁴ Os nomes/apelidos das pessoas citadas são fictícios. Os nomes das equipes foram substituídos por letras do alfabeto, precedidas da palavra Time.



de dois jogos que foram realizados numa terça-feira à tarde, num feriado, e do jogo final, realizado num sábado à tarde, as demais partidas foram realizadas à noite, a partir das 20 até às 22 horas. O Campeonato contou com 09 equipes oriundas de diferentes regiões da cidade, organizadas, também, de distintas formas. Por exemplo: as equipes chamadas de “seleções”, pois são compostas por jogadores de diferentes regiões, que recebem dinheiro ou outro tipo de “ajuda” (como chuteiras, passagens) para atuar pela equipe; os “times de amigos”, formados por jogadores arregimentados nos bairros/vilas e que ao participarem tem que “colocar um dinheiro” para custear as despesas de arbitragem, lavagem do “fardamento”, etc.

Os jogadores, organizadores e membros do “trio de arbitragem” chegam, normalmente, alguns minutos antes do horário da partida e iniciam uma série de cumprimentos e “bate-papo”, predominando os assuntos de trabalho, de família, do futebol profissional (Grêmio e Internacional) e do próprio futebol praticado “na várzea” da cidade. Como são veteranos e já participam do circuito “varzeano” há vários anos, grande parte deles já se conhece, sentem-se à vontade (estão “autorizados”) a relacionarem-se de forma jocosa, através de brincadeiras desafiadoras, zombarias, provocações, gozações, das quais o “alvo” não pode se ofender⁵. Após os chamados dos dirigentes das equipes, aqueles jogadores que estão presentes seguem para os vestiários para colocarem o “fardamento”, mas isso não faz com que as conversas e as brincadeiras se encerrem, elas se estendem até o início da partida, podem ser observadas no decorrer dela e também depois, entre colegas de equipe e adversários.

A presença dos veteranos no “Maracanã da Várzea” e das outras pessoas que os acompanham consubstancia uma rede de sociabilidade futebolística marcada pela masculinidade. Neste espaço social as pessoas – grande parte homens – reconhecem e são reconhecidas, por exemplo, pela forma como “tratam a bola”, “escalam o time”, “reclamam da arbitragem”, “apitam o jogo” e “torcem na tela”. Não significa que as mulheres estejam ausentes, pois vários jogadores comparecem para a partida na companhia delas. Entretanto, não há como deixar de perceber que praticamente todos os homens presentes dominam os *códigos* e as *etiquetas* “adequados” neste espaço social, enquanto que são poucas as mulheres que “se comportam” de acordo com esses *códigos* e *etiquetas*. Quando estão presentes crianças, meninos e meninas, normalmente filhos dos jogadores, observa-se com facilidade que os meninos circulam com mais frequência dentro e fora do campo, compartilham alguns fluxos de atividades dos homens adultos, enquanto que as meninas tendem a ficar nas proximidades das mulheres, em atividades não vinculadas ao jogo.

A participação nessa rede de sociabilidade masculina ainda é marcada pela seriedade frente aos compromissos – um *lazer sério*⁶. A exemplo da pesquisa realizada por Stigger (2002) com o Grupo Caídos na Praia, não é descabida a afirmação de que o “bom participante” da rede de sociabilidade masculina aqui estudada compreende a dimensão de um *lazer comprometido* frente aos colegas de equipe, ao “grupo” (não faltar sem avisar, colocar um dinheiro para pagar a arbitragem, aceitar ser substituído ou aceitar “ficar na reserva”), aos adversários (não atrasar o jogo, não deixar o adversário mal, sem jogo ou jogando contra um time “quebrado”) e à competição (pagar as taxas de arbitragem, as multas, colaborar com a disciplina, cumprir o regulamento, apresentar o documento “adequado” para jogar). Quer dizer, o compromisso dos membros não se esgota no rendimento em campo, na “busca da

⁵ Este tipo de relações foi estudado por Gastaldo (2010), tratando das “relações jocosas futebolísticas” em bares e locais públicos do Rio de Janeiro.

⁶ O desenvolvimento desta noção de *seriedade dos lazeres* pode ser observada nos trabalhos de Elias e Dunning (1992) e de Stebbins (2008).



vitória”, na “luta pela classificação” à próxima fase ou na “conquista do título”. Nesse sentido, comparecer com conjuntivite para jogar e participar do jogo por alguns minutos (DC, 20/01/2011), jogar meio tempo e só depois ir para a festa de aniversário da filha (DC, 15/02/2011), deixar a visita em casa para não deixar os colegas mal (DC, 23/02/2011), foram algumas situações observadas e reconhecidas no cenário estudado como “boas práticas” e que mostraram o compromisso.

A seriedade com que os compromissos são encarados pode ser notada também nos investimentos dos “treinadores”, “dirigentes” e “patrões” (sujeitos que “colocam dinheiro”, patrocinam os times) das equipes que: tratam de arregimentar os melhores jogadores (e até pagar, por jogo, alguns jogadores, pela sua habilidade esportiva); se responsabilizam pela manutenção do “fardamento”; procuram “colocar para jogar” todos os jogadores, principalmente os que colaboram com o dinheiro da arbitragem; pagam as taxas de inscrição, da arbitragem, as multas dos cartões vermelhos, a cerveja e, por vezes, o churrasco aos jogadores e alguns convidados, após o final da partida. Outras “evidências” da seriedade dos compromissos foram notadas na preocupação dos organizadores em regulamentar as práticas, como também em documentar as atividades (atas de reuniões, fichas de inscrições, súmulas de jogos, emissão de recibos), para, a qualquer momento, verificar se o regulamento está sendo cumprido e aplicar as punições previstas. Estes esforços dos treinadores e dirigentes não são considerados *estranhos* neste espaço-tempo de lazer, pelo contrário, são, também, reconhecidos como “boas práticas” constitutivas de um “bom campeonato”, que vale a pena participar.

3 JOGO PEGADO: UM MODO DE JOGAR

Para apresentarmos nossas interpretações sobre o sentido do “jogo pegado” nesse contexto de uma prática séria, compromissada, masculina, optamos por organizar descrições em três momentos (o jogo pegado na bola; o jogo pegado no corpo; e a conjunção de incitações). Contudo, ressaltamos esta divisão é somente o resultado do exercício analítico e de uma maneira de apresentação, pois entendemos que as práticas e significados descritos estão justapostos.

3.1 *Jogo pegado na bola*: “ter bola”, “rendimento” e “simplicidade”

Um *jogo pegado, bom de jogar* é aquele em que há um equilíbrio de capacidades e habilidades esportivas distribuídas nas equipes que se enfrentam. Esta dimensão já foi apresentada e fundamentada por outros autores/trabalhos, ainda que em contextos e com objetivos diferentes. Elias e Dunning (1992), baseado na sociologia configuracional da sociedade em industrialização, na qual o rendimento é importante em face da cadeia de interdependência, já disseram que o vigor dos jogos estava relacionado com o equilíbrio das polaridades, com a tensão existente. Stigger (2002) em seu estudo etnográfico do Grupo Caídos na Praia, também mostrou como um jogo equilibrado, bem distribuído era importante para a composição de um nível de disputa necessária, ainda que o resultado não fosse relevante.

No Campeonato a que se refere este trabalho, o rendimento é importante e, quando ele é resultado de uma disputa entre equipes/jogadores equivalentes, é percebido como algo positivo, gostoso de se obter. Este gosto foi justamente percebido nos momentos em que o desequilíbrio entre as equipes foi flagrante, originando reações e ações posteriores. Um exemplo: na primeira rodada da primeira fase do Campeonato, o Time D (uma “seleção” de jogadores, treinada pelo Lauro, que “conhece de futebol”, patrocinada por um “patrão”) enfrentou a equipe Time B (um time de uma Vila da cidade, com a maioria



dos jogadores “locais” no primeiro jogo). A diferença das equipes foi bastante grande, determinando o “placar elástico” de 10 a 1 em favor da “seleção”. Este não era, evidentemente, o jogo esperado naquele espaço social, sendo possível perceber isso nas reações das pessoas. Os espectadores-torcedores não estavam *absorvidos*⁷ pelo jogo, havia reclamações quanto à qualidade futebolística do time Time B, como a proferida por um dos dirigentes da Liga, que afirmou o seguinte: “não era para esse time estar aqui, não tem nível, não tem condições de estar aqui”. A sensação, nesta noite, sobretudo no final da partida, era de que o Time B “estragava o campeonato”. Para os próximos jogos, entretanto, foi possível observar que a equipe perdedora fez mais investimentos e “contratou” outros jogadores, melhorando a equipe, até mesmo para não “queimar o nome” do time no cenário “varzeano” – time que “perde de muito” não é bem visto nessa rede de sociabilidade.

Numa conversa com um jogador da equipe Time E, o Antonio (que participa de outras competições da cidade e também da região metropolitana), este enfatizou que “aqui [na Liga do Ararigbóia] é bom jogar, só dá jogo bom”, justificando este sentimento pela presença de “bons jogadores”, citando dois ex-profissionais que atuam em seu time, dizendo que “tem o 5 que jogou no Inter, tem o 8 que jogou no Grêmio [com o Felipão, disse-me mais tarde um dos dirigentes da Liga]” (DC, 27/01/2011). Participar das equipes que disputam o Campeonato do Ararigbóia exige, em maior ou menor medida, uma qualificação futebolística dos jogadores, que são “selecionados” por este critério. Não é estranha, neste contexto, a seguinte manifestação de motivação do Wilson, capitão da equipe Time F, aos seus colegas, antes do início da partida contra o Time G: “Vocês são da casa, tem que se sentir em casa. Quem está aqui é porque pode colaborar, tem um monte de gente que ficou fora, querendo entrar, mas quem está aqui é porque **tem bola**. Lico [apelido de um dos jogadores] **tu tem bola**” (DC, 18/01/2011, negrito nosso).

Quem “tem bola” (e o Antonio, citado acima, é um dos quais se comenta que “tem bola”), isto é, quem demonstra habilidades futebolísticas, quem tem conhecimento e experiência “adequados” a esta rede de sociabilidade, quem pode ser “selecionado” para a prática do futebol nos Campeonatos do Ararigbóia. O “adequado” é definido, em grande medida, em relação ao jogador de futebol profissional, por um lado, e aquele jogador que “só sabem correr”, ou seja, que “não tem bola, não adianta nem treinar”. Não é à toa que os ex-profissionais são tão valorizados e são muito escutados (instruem “com autoridade”) no meio dos jogadores neste Campeonato, como também não é sem motivos que os assuntos do futebol profissional são conteúdos quase que obrigatórios nas conversas entre as pessoas neste espaço social. Não seria despropositado dizer que se trata de um espaço-tempo de lazer para quem “tem bola”, para alguém que incorporou, na trajetória de sua vida, as habilidades correspondentes a este espaço social, que exige conhecimentos especializados. É nesse sentido que o gosto do Antonio (que “tem bola” e diz que “aqui é bom de jogar”) corresponde às práticas e expectativas da rede de sociabilidade masculina da qual tratamos, ainda que ele receba R\$ 80,00 por jogo para atuar para o Time E (ele é eletricitista “de profissão”).

O Campeonato de Verão do Ararigbóia amplifica essa dimensão de que se trata de um espaço-tempo de lazer daqueles que “tem bola”, principalmente porque a Liga do Ararigbóia é uma das poucas que realiza competições neste período. Várias equipes também permanecem inativas, o que favorece a constituição de “seleções” por aquelas que se mantêm ativas. Foram bastante comuns as “contratações

⁷ O termo *absorvido* é utilizado aqui no mesmo sentido da descrição de Geertz (2008) sobre a briga de galos balinesa, isto é, de que as apostas e as brigas motivam um fluxo comum de ações e reações das pessoas no entorno.



temporárias” de jogadores e treinadores que atuam por outras equipes, como o caso do Time F que contou, nesta competição de verão, com vários jogadores do Time H, equipe temporariamente fora de atividade. Esta situação certamente contribuiu para tornar os “jogos mais pegados”, isto é, neste contexto, para os “jogos bons de jogar”, por envolverem os jogadores que “tem bola”, distribuídos nas equipes.

Este contexto pressupõe o rendimento esportivo e a (auto)exigência deste (no sentido de que o produto da ação corporal – a técnica – ou da conjunção destas – a tática – é importante). Por isso, soava com muita *naturalidade* ouvir o treinador do Time F falar da “evolução de sua equipe” e cobrar ainda “mais evolução” no sentido tático-técnico (DC, 18/01/2011); por isso também, é compreensível que os jogadores desta mesma equipe saíssem de campo, para o intervalo, conversando tranqüila e calmamente, quando estavam ganhando (DC, 26/01/2011) e, no jogo seguinte, quando estavam empatando, saíram falando alto uns com os outros, exigindo, reclamando, orientando sobre o que fazer e o que não fazer – um “clima tenso” (DC, 02/02/2011). Da mesma forma, a relevância da performance corporal nas tarefas do futebol nos permite compreender o atrevimento do jogador Pedro, que estava “fazendo um bom jogo”, em desafiar um dos membros da diretoria do “seu” time, sem que isso tivesse implicações na sua permanência em campo (DC, 26/01/2011).

Se o rendimento é importante, parece haver um tipo de performance mais adequada, o “jogar simples”. Os jogadores são constantemente exigidos a jogar sem “enfeitar”, sem fazer gracejos com a bola ou com o corpo. Um exemplo disso foi a manifestação do dirigente da equipe Time C, ao ver seu jogador errar um passe “de efeito”:

“Chega de 3 dedinhos na bola, joga simples” gritou o Rafael [dirigente da equipe, que estava “no banco”], reclamando (muito irritado, esbravejando) de “seu” jogador que estava “jogando macio” (enfeitando, dando um passe de “três dedos” no meio campo), ao invés de “jogar simples”, “com vontade”, como estavam fazendo os jogadores do Time B [adversários], que passaram a dominar o jogo no segundo tempo da partida. (DC, 15/02/2011)

Este “jogar simples” encorpa nossa interpretação de que a prática de futebol neste espaço-tempo de lazer, pelos jogadores que “tem bola”, é bastante vinculado ao rendimento, à competição, sendo desnecessárias ou até mesmo reprováveis as atitudes que não objetivem “claramente” o resultado. Num “jogo disputado” não foram raras as vezes em que os jogadores, os “treinadores” ou os torcedores reprovaram “a falta de objetividade” (jogar para frente, em direção ao gol; tirar a bola da defesa) de alguém que prefere prender a bola ou fazer gracejos com o corpo em detrimento da “simplicidade” e da “força”. Isto foi observado, por exemplo, quando um jogador do Time I que “prendia a bola” no meio, não passava para um colega, logo foi repreendido pelo treinador que gritou “tá de enceradeira aí”, se referindo à “falta de objetividade” (DC, 03/03/2011); neste mesmo jogo, outro jogador do Time I fez um passe “de três dedos” para seu colega e errou. Imediatamente, o treinador lhe chamou a atenção, gritando “tá de dedinho aí”, em tom de acusação de que faltava a “objetividade” e “seriedade”.

O que descrevemos até aqui sobre este “jogo pegado na bola” guarda proximidades com a noção de *lazer sério* descrita por Stebbins (2001, 2008), especificamente no que tange ao fato de que a adesão a esta rede de sociabilidade, a este espaço-tempo de lazer, demanda experiências prévias e também ao fato de que alguns dos investimentos para participar são equivalentes àqueles feitos em atividades profissionais. A entrada e a permanência dos times e dos jogadores nesta atividade “de lazer” compreende um crivo constante da rede de sociabilidade masculina *estabelecida*. E isso, reconhecidamente, faz com que os jogos fiquem melhores, isto é, mais “pegados, justamente porque “tem mais bola” jogando.



3.2 *Jogo pegado no corpo: “doação”, “intimidação”, “masculinidade”*

No segundo tempo, o jogo ficou “mais pegado ainda” [linguagem utilizada pelas pessoas presentes]. O Beto (dirigente-jogador do Time G), por exemplo, já visava a bola e o corpo “juntos”. Antes até notava que o jogador ia na disputa de bola e “*deixava* o pé ou o braço”, mas no segundo tempo o que observava é que o “pé e o braço eram *colocados*” para atingir. O que é diferente do jogo pegado anterior (*de deixar*), ele queria efetiva e deliberadamente atingir ao mesmo tempo em que disputava a bola e o espaço. O Fernando, árbitro da partida, “deixava passar”, não dava cartões, estava administrando a partida, “levando o jogo até o final”, e isso fez com que os jogadores, em vários momentos, tivessem que dizer, eles mesmos, de alguma forma (usando o corpo), que “não aceitariam” as “pegadas” dos adversários, causando alguns instantes de intensas discussões. Numa dessas oportunidades o goleiro do Time G saiu da meta e foi até um dos focos de discussão para dar um soco em alguém (a performance era essa), mas foi seguro por seus companheiros. (DC, 18/01/2011)

Este excerto de diário de campo nos ajuda a mostrar outra dimensão (ou sentido) do “jogo pegado” no espaço-tempo social estudado, para além ou até em contraponto ao rendimento esportivo e às regras do futebol. Em alguns momentos dos jogos observados, as infrações às regras começam a ser tão frequentes que o árbitro, para fazer o jogo chegar até o final, começa a “deixar passar”, caso contrário, teria que expulsar vários jogadores e dirigentes, o que determinaria o fim do jogo. Um empurrão, um puxão, um beliscão, uma “chegada dura no corpo”, um “chute” no adversário, nesses momentos, pode passar a ser algo *normal*. A bola parece não mais ser o principal objeto de mediação das relações, assim como os cartões e silvos do apito do árbitro deixam de ter o mesmo significado. Num “jogo pegado” o próprio jogador (sozinho ou com a ajuda dos companheiros), com o uso de seu corpo, passa a “dizer” se vai ou não aceitar a “chegada” do adversário que o árbitro “deixou passar”.

Dizer que “não vai aceitar” é quase que uma obrigação dos jogadores em campo – uma questão de honra. Para isso, se arriscam em “chegadas” não menos “duras”, sobretudo nos momentos de disputa da bola, quando aproveitam a oportunidade para “devolver” a “entrada” anterior (esta “deixada” pelo árbitro), a fim de comunicar que “não vai aceitar”. Trata-se de um jogo de “chegadas”, algumas tipificadas como infrações/faltas no código “oficial” de regras, mas que passam a ser utilizadas para defender-se diante da perda de autoridade do árbitro que passa a observar vários lances, deixando que “eles resolvam”. Esta situação não é difícil de acontecer quando os jogadores/grupos estão imbuídos e bastante motivados a “chegar junto”, “diminuir os espaços e tempo”, para fazer com que os adversários não consigam jogar (pensar, dominar, olhar, decidir) com ou sem a bola. Além disso, quando se enfrenta um time adversário que conta com um jogador reconhecidamente melhor (que “tem bola”), não é incomum notar o uso das “chegadas” para intimidá-lo, como o objetivo de “não deixar se criar em campo”. Basta, então, saber como este jogador que “tem bola” irá reagir a isto, se irá “aceitar” ou não a chegada de intimidação, ou ainda, se saberá “fugir” das “pegadas” dos adversários. Abaixo, segue um trecho de diário de campo sobre a reação de um jogador, depois de ter levado uma chegada do adversário, num jogo que foi “pouco pegado”:

"Num lance, no segundo tempo do jogo, o Márcio (bom jogador, atacante do Time F que, segundo o Fabiano [dirigente da Liga], “já jogou profissional”) levou o que os torcedores desta equipe denominaram “pegou sem bola”, isto é, o zagueiro do Time J lhe atingiu num lance em que não se disputava a bola e nem os espaços – quer dizer, “na maldade mesmo” (manifestação de



um torcedor), o objetivo era somente “pegar”. Após este evento, o Márcio “foi tirar satisfações” com o zagueiro, pois “não ia deixar passar”. Começou, então, a desenvolver uma performance de agressão em direção ao oponente (falar gritando e gesticulando). Os colegas procuraram segurá-lo, impedindo o contato físico entre os oponentes, mas não os gritos e os gestos. Vez ou outra, o jogador reclamante se esquivava dos colegas que tentam lhe conter e procura chegar até aquele que lhe atingiu “na maldade”, mas seguidamente impedido pelos colegas. O Iverson [árbitro] observava de longe, como quem diz “a questão é entre eles. Eles que se acertem”, mas depois do ocorrido “deu o amarelo” para os dois envolvidos. No decorrer desta performance, um dos torcedores do Time F assim se manifestou a um de seus colegas de “tela”: “isso é pra eles aprender a dar uma chegadinha também”. (DC, 26/01/2011)

As “chegadas” ou “pegadas” no corpo do oponente para dizer algo (“intimidar” ou que “não vai aceitar”), na maioria das vezes, não são reconhecidas como *anomalias*, como algo impensável nas interações *em campo*. Em alguns casos, como as “chegadas por trás” (aquela em que o jogador atingido não tem chances de se defender) e aquelas “fora da bola” (em que a bola não está sendo disputada) são repreendidas pelos próprios jogadores, chamadas de “desleais” ou de “na maldade”. Saber jogar este “jogo pegado” que envolve “bater e apanhar”, saber usar as mãos e os pés para dar uma “pedadinha”, uma “beliscada” ou uma “chegadinha”, saber “falar gritando e gesticulando” em tom intimidatório/ameaçador, por vezes, olhando nos olhos dos oponentes, a poucos centímetros deste, é algo que tem valor simbólico neste espaço de prática do futebol.

É importante enfatizarmos, neste momento, que as “chegadas”, as performances intimidatórias referidas acima não são vistas como algo negativo no espaço pesquisado, pelo contrário, representam aquilo que tem que ser feito num “jogo pegado”. Os jogadores são reconhecidos por saber “chegar” e também reconhecem aqueles que o fazem, pelo fato de que “se doam” para o time, arriscam sua integridade física para jogar e fundamentalmente defendem sua honra (masculina). Esta dimensão positiva do “jogo pegado no corpo” fora notada, principalmente, numa “partida amistosa” realizada pelo Time D, pois esta equipe folgava no Campeonato e desejava “manter o ritmo”. A observação deste jogo ao lado de alguns jogadores reservas, dentre os quais alguns já tinham participado e saído, notou-se que eles comentavam que tinham levado algumas “pegadinhas” dos adversários, mas isto não era falado em tom negativo ou de reclamação, pelo contrário, tratavam das “pegadinhas” como “é assim que tem que ser” e também se divertiam com elas, ao lembrarem-se de algumas (DC, 28/01/2011). Diante disso, não mais pareceu *estranho* que, na semana anterior, o Beto (dirigente-jogador do Time G), no intervalo do jogo contra o Time J, se vangloriava diante de seus colegas de equipe por ter dado algumas “pegadinhas” nos jogadores adversários a fim de intimidá-los, impedi-los de jogar o que “sabiam”. Contava isso com satisfação e aprovação dos companheiros, entre sorrisos e demonstrações (DC, 16/01/2011).

Mas, além dessa dimensão “utilitária para o jogo”, como já referimos, há uma certa obrigação dos jogadores – para defender a honra masculinha – em “dar uma pegada” ou, pelo menos, desenvolver uma performance intimidatória/ameaçadora àqueles que “chegaram” ou intimidaram. Foi o que fez, por exemplo, o Careca (jogador da equipe Time F) ao ouvir as intimidações feitas para ele por um jogador reserva do Time G. O Careca vai até “o banco” “tirar satisfações” e responde no mesmo estilo, discutindo por alguns instantes, até que se dirige ao “banco” de seu time, onde fala o seguinte para “seu treinador”: “eles tão mexendo com homem” (DC, 18/01/2011).

Nesse contexto, a afirmação **em tom negativo** de que “o Aurélio [jogador do Time F] joga bola, mas é uma moça em campo”, feita por um torcedor “na tela” (DC, 26/01/2011) faz sentido, nos dizendo que apesar do jogador “ter bola” ele não está disposto ao “jogo pegado no corpo”. Diferente deste



jogador, outro da mesma equipe, é referido pelos torcedores, **em tom positivo**, como alguém que “não tem essa daí, passa areia nas canelas ainda e sai correndo”. Este comentário foi feito depois que o jogador sofreu uma falta e recusou o atendimento, denotando sua coragem e disposição para jogar (DC, 18/01/2011). Pelo tom das manifestações foi possível notar que saber participar deste “jogo pegado no corpo” tem um importante valor na constituição do “é assim que tem que ser”.

Contudo, todos sabem (ou deveriam saber) que este modo de jogar corresponde especificamente aos espaços-tempos da partida, encerrando com esta. Por isso, ao enfatizar a “tranquilidade” do Campeonato de veteranos da Liga do Ararigboia, um de seus dirigentes disse que “nós discutimos ali dentro, mas depois tomamos cerveja juntos” (DC, 10/01/2011). Disso decorre também a recorrência das frases “valeu, desculpa qualquer coisa” ou “é do jogo” após os finais dos “jogos pegados”, proferidas pelos jogadores em relação aos árbitros, mas também entre adversários, para justificar os “excessos”.

Se, por um lado, podemos concordar com Elias e Dunning (1992) que o “jogo pegado no corpo” seria um tipo de configuração social em busca de um equilíbrio de tensão (não comprometedor), por outro, nos distanciamos ao notar que este equilíbrio é conseguido justamente com uma espécie de “abandonos das regras” e do auto-controle correspondente, em face de um modo de jogar que coloca atos de agressividade (física ou verbal) no cálculo das ações. Neste tipo de jogo o poder “parlamentarizado” do “árbitro” ou dos “bandeiras” parece sucumbir diante da necessidade dos jogadores resolverem “entre eles mesmos” se “vão aceitar ou não” as “pegadas” na defesa de sua honra.

3.3 Uma conjunção de incitações performatizadas e recíprocas

O jogo pegado “na bola” e/ou “no corpo” envolve uma série de incitações performatizadas pelos jogadores, como também por outros agentes que ficam no entorno do campo. Em alguns momentos dos jogos, quando se olha para o campo e se ouve o “som do jogo” podemos chegar a conclusão de que “querem ganhar no grito”, como se referiu o árbitro Souza, reclamando do fato de que os jogadores do time Time G “não tem bola” para ganhar do Time E e ficam “só falando” em campo (DC, 27/01/2011). Essa “gritaria”, como definiu um torcedor do Time F (DC, 26/01/2011) se refere a uma “pressão” para que os jogadores “mostrem sua bola”, para que joguem “pegando”, ou mesmo para reclamar da arbitragem, afinal “reclamar faz parte, o que não pode é ofender”, como explicou o coordenador da arbitragem (DC, 16/03/2011). Os árbitros, aliás, não ficam alheios a essa situação, também passam a “apitar com o corpo”, ou seja, em jogos mais “pegados” falam, gritam, gesticulam bastante, chegando a reclamar dos jogadores, ameaçá-los e intimidá-los, para comunicar que também não vai “aceitar” a “pressão” (DC, 24/02/2011).

A comunicação, durante o “jogo pegado”, envolve predominantemente o falar gritando e gesticulando, pois é através desta performance corporal que parece se constituir a autoridade para dizer algo dentro do campo e ser escutado. Nesse *estilo* cobranças, incitações como o “vamo, vamo, vamo lá!”, o “tem que pegar!” emitidas por um jogador do Time B aos seus colegas equipe (DC, 02/03/2011) são bastante comuns no sentido de tornar o jogo mais “pegado” (“na bola” e/ou “no corpo”). A todo instante são notadas as exigências de que os jogadores devem dar uma “bola boa” (bem passada, bem lançada, etc.) ou que tem que “dar uma pegadinha” (DC, 16/03/2011). E não são somente os jogadores “em campo” que criam essas demandas. Aqueles que estão “no banco” (jogadores reservas e os “treinadores”) também participam da partida, gritando, exigindo, incitando, reclamando e por vezes xingando. Para isso, articulam informações capazes de motivar a “pegada”, entre elas (uma das principais) a relação com o



“ser homem”, como fez o “treinador” do Time B antes da partida contra o Time C e como fez o “patrão” do Time D ao elogiar “seus” jogadores depois de uma vitória:

Na sua fala [a do “treinador” do Time B], foi valorizada a dimensão da “separação da família/mulher” como elemento que deveria ser justificado em campo. “Deixamos a família em casa, tem que vir aqui pra ganhar, não deixamos a família para vir aqui perder” (falava gritando o “treinador” para “seus” jogadores). (DC, 15/02/2011)

“A gente tem que ser homem um com o outro! Sabe pra que? Pra quando a gente perder, sair rindo também. Sabe por que? Se não vamo sair cobrando um do outro, que nós perdemo por que o outro time foi melhor. [disse o dirigente-jogador do Time D] (DC, 19/03/2011)

Além da imperiosidade de “ser homem”, estes dois trechos de diários de campo nos indicam que um “jogo pegado” não é limitado pelas linhas do campo. Em vários jogos notou-se que, quando o jogo se tornou mais “pegado”, diversos (ou todos os) jogadores “do banco” levantaram e se posicionaram “na linha” lateral, quando não dentro do campo, para se manifestarem (DC, 18/01/2011; DC, 25/01/2011; DC, 15/02/2011). Os “jogos pegados” parecem ter um efeito de absorção das pessoas (dentro e fora do campo) no sentido do que observou Geertz a respeito da briga de galos balinesa, ou seja, de que é capaz de unificar os comportamentos num fluxo que corresponde às ações do jogo. O mesmo efeito também foi notado em relação aos espectadores-torcedores, como ocorreu no jogo entre o Time I e o Time G (DC, 24/02/2011):

No primeiro tempo da partida, com o jogo 0 a 0 e poucas chances para ambos os lados (o empate estava bom para o Time I), os torcedores “da tela” estavam conversando enquanto assistiam. Bebiam suas cervejas, comiam os espetinhos de carne na Kombi do Caco, [...], isto é, havia algo para fazer além do assistir. No entanto, quando o Time G fez o primeiro gol [...] a partida ficou mais “pegada”, os torcedores “se desligam” das conversas, comiam menos, bebiam menos [...]. O “jogo pegado” também fez com que a torcida passasse a se comportar de modo mais intolerante em relação às atitudes “adequadas” dos jogadores. [...] comecei a notar a intolerância de alguns torcedores “da tela” desta equipe [Time I] em relação a um dos jogadores. Os torcedores criticavam o jogador porque ele não “chegava duro”, “tirava o pé” nas divididas (e não era momento para isso, ao contrário). Entre as frases de reprovação da atitude do jogador, ouvi as seguintes: “por que não vai jogar vôlei, meu!”, “não pode ter uma sombra que se livra dela [da bola]?” Vendo a recorrência deste comportamento do jogador, os torcedores começaram a exigir do Zico (treinador) que o substituísse: “ele não chega. Tira ele Zico, tirou o pé 3 vezes” (gritava um torcedor).

Ao mesmo tempo em que este modo de jogar “pegado” tem a capacidade de mudar o comportamento daqueles que estão no entorno da partida, estes também colaboram para tornar (ou manter) a “pegada” no jogo. Jogadores (“em campo” ou “no banco”), “treinadores”, dirigentes, torcedores, aqueles absorvidos, passam a jogar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender o significado do modo de jogar denominado de “pegado” e de sua expectativa no contexto da Liga de Futebol Amador da Praça Araribóia de Porto Alegre. O estudo foi desenvolvido durante a realização de um Campeonato de Verão, categoria veteranos,



envolvendo o que denominamos de uma rede de sociabilidade masculina e sua apropriação do campo do Ararigbóia, um reconhecido espaço de lazer urbano. Inicialmente, compreendemos que se trata de um espaço-tempo de um tipo de *lazer* marcado pela *masculinidade* e pela *seriedade*, repleto de compromissos e investimentos das pessoas envolvidas, o que não é conflitante com a dimensão da diversão, do gosto de participar.

O “jogo pegado”, nesse contexto, compreende um modo de jogar que coloca em destaque o equilíbrio das equipes no que se refere à “seleção” de jogadores que “tem bola” para estar no Campeonato – é um lazer para quem tem experiência futebolística. Simultaneamente, o “jogo pegado” envolve uma disposição para o uso do corpo em “chegadas” (muitas delas desconsideradas como infrações às regras) e performances intimidatórias capazes de “dizer” aos adversários que não serão “aceitas” as “chegadas” e intimidações – é um lazer para quem “sabe bater” e “sabe apanhar” e entende que isso faz parte do jogo. Nossa interpretação sobre este modo de jogar “na bola” e/ou “no corpo” é reconhecida como “bom” e é incitado justamente porque tem a capacidade (ou a “função”) de afirmar o pertencimento e o reconhecimento das pessoas nesta rede de sociabilidade masculina.

4 REFERÊNCIAS

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GASTALDO, É. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. *Mana*, v. 16, n. 2, p. 311-325, 2010.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 13. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUEDES, S. L. O futebol e a reapropriação do espaço urbano em bairro de trabalhadores. GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003.

_____. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

STEBBINS, R. A. Serious leisure. *Society*, New York, v. 38, n. 4, p. 53-57, 2001.

_____. *Serious leisure: a perspective for our time*. New Jersey: Transaction, 2008.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, a. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

_____. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.



ENDEREÇO:

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Colegiado de Educação Física
Rua Pernambuco, 1777, Centro, Marechal Cândido Rondon – Paraná.
CEP: 90680-000

E-MAIL:

mmyskiw@hotmail.com

RECURSO DE APRESENTAÇÃO:

Data-show